

**EM TRÂNSITO  
UMA CONSTRUÇÃO RIZOMÁTICA  
QUE SE TRANSFERE ENTRE A  
TEORIA E A PRÁTICA ARTÍSTICA,  
DESDE UMA VISÃO PÓS-  
ESTRUTURALISTA  
IDENTIDADES EM JOGO, UMA  
EXPERIÊNCIA TRANSCULTURAL**

Maria Ruiz\*

103

CADERNO 00 MAV - EBA - UFBA

Resumo:

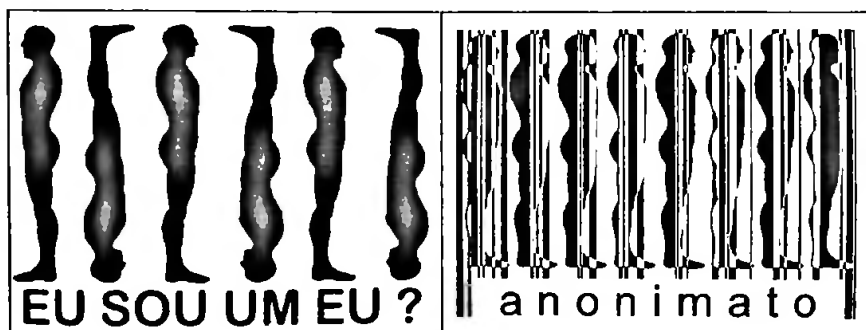
A pesquisa EM TRÂNSITO tem sua gênese na linha como elemento conceitual e visual e a pergunta quem somos percorre espaços labirínticos para apontar hipertextualidade na inquietação por nossa identidade sempre em constante devir, aproximando-me ao conceito de alteridade. Abordo temas ligados à transculturalização e globalidade percebida desde a cultura da América Latina, plural e complexa, em situações e perspectivas de trânsito. Trabalho conceitos como multiplicidade, pluralidade, serialidade - originalidade, massificação, anônimo e identidade- alteridade.

Palavras-chave: Trânsito. Labirinto. Transculturação. Identidade-alteridade

“All art after Duchamp is conceptual (in nature) because art only exists conceptually”

*Joseph Kosuth*

Baseada nas sensações de uma viagem imprevista, surgiu **Identities em Jogo**, obra que de repente me capturou e ainda me deixa pensando.



### **Descritiva conceitual e formal**

É uma proposta de caráter interdisciplinar que acredita que o artista 'joga' um papel integrador, entendendo o 'jogo' como uma das atividades mais sérias que existem. Retomo a imagem que Lewis Carroll<sup>1</sup> apresenta em Alice que potencia o provisório e processual, como princípio operativo situacionista na dessacralização de verdades imutáveis e espaços permanentes.

A proposta **Em Trânsito** alterna, articula e conecta espontaneamente o exercício plástico. Trabalha a multiplicidade de propostas que mostram uma relação livre de sintaxe, que se revela processualmente, mediante a conjugação de meios e entornos, pois, igual que Deleuze-Guattari<sup>2</sup> e Eugenia Bacells<sup>3</sup>, interessa-me a partícula "e, e , e"... que implica ir mais além e adicionar, pois sinto que o "ou" é dicotômico e sectário.

A parte prática é uma proposta de instalações inter-relacionadas entre si que exploram diferentes estratégias formais, tentando não isolar uma obra da outra, se não, conjugando-as em uma noção de circuito.

A justaposição de propostas sugere a idéia de que não importa a obra em si, mas me interessam as relações que se estabelecem em uma pequena viagem empírica, na qual aproveito o entorno como um espaço aproveitável.

A metodologia aplicada a esta pesquisa partiu da prática artística, onde surgiram questionamentos capazes de suscitar as problemáticas referentes à mesma prática. Utilizo a *poiética* como metodologia e experimento a poética da viagem como proposta estética, como possibilidade de conjugação de diversos meios e linguagens. Uso vídeo instalação com imagem em movimento, objetos, luz e som, influenciado pela arte conceitual e os recursos publicitários.

A base teórica está apoiada em filósofos pós-estruturalistas como Deleuze-Guattari, Maffessoli, Lévinas, Foucault e historiadores, artistas e críticos como Mosquera, Pinni, García Canclini, Zaja, Mari Carmen Ramírez e Camnitzer.

Minha proposta se gesta devido a várias inquietações. Primeiro como trabalhar a linha e o desenho tendo a forma do labirinto e a impressão digital de uma maneira desconstrutiva? Ao mesmo tempo, é possível utilizar materiais de uso publicitário nas obras?

A segunda interrogante consiste em como romper o conceito do artista, entendido como gênio ou herói e, por outro lado, como recuperar o sentido anônimo e coletivo da tarefa artística?

Em terceiro lugar, como transitar pelo exercício artístico com um espaço de experimentação no fixo e livre conjugando ação e jogo?

O quarto ponto é como passar a idéia de experiência de trânsito em um circuito que estabelece relação com diferentes linguagens em uma vivência única e que não se pode repetir?

Finalmente, como dialogar com os diversos meios visuais contemporâneos, associando-os aos referentes conceituais presentes na minha proposta de pesquisa?

Assim, inicio pela metade como propõe o artista pesquisador Jean Lancri<sup>4</sup> ... De onde partir?... Da metade da prática, de uma vida, de um saber, de uma ignorância. "Ao apagar as barreiras entre arte e vida, entre arte e ciência, arte e conceito, arte e natureza, arte e realidade, bem como as diversas categorias da arte..." (REY, 2002, p.134). A construção de uma linguagem visual contemporânea supera caminhos que se entrecruzam com as teorias e as práticas, através de hibridizações técnicas e diferentes campos do conhecimento humano, como convocando razão e emoção em uma espécie de experimentação constante.

Abordei a proposta desta produção apoiada na *Poiética*, que une o processo de experimentação e criação do pensamento, transitando pela teoria e a prática na realização da dissertação e exercícios visuais na concretização de um circuito de instalações. Meu processo criativo parte então da situação de movimento da *práxis*, entendendo a prática como exercício de *atelier* (de manipulação de imagens, materiais, etc., e montagem na apresentação das obras em espaços alternativos ou institucionais) tanto quanto de experimentação com os conceitos.

Parafraseando a filósofa artista colombiana Consuelo Pabón "No es reflexionando como se experimenta con el pensar. Hay un pathos, una fuerza, una intensidad en el pensar que implica todo el cuerpo y las operaciones lógicas, son operaciones físicas, es por eso que el arte debe

*experimental, no sólo exige un trabajo conceptual sino también una experiencia vital, corporal...*" (PABÓN, 1993, p.19).

A arte tem um compromisso iniludível na contemporaneidade: de fazer sentir e fazer pensar. Nesta medida, poderíamos dizer que toda forma de arte, na atualidade, é necessariamente conceitual.

Minha pesquisa utiliza múltiplas expressões não só na possibilidade de percorrer um fio condutor. Tento transitar livremente por diversas diretrizes na experimentação de agenciamentos que dialogam com o processo criativo em constante expansão.

O processo é influenciado pelas teorias rizomáticas de multiplicidade, identidades transitórias, nômades e plurais de Deleuze-Guattari que não possuem uma ordem específica, podendo fazer conexões experimentais, potencializando o trânsito que desenraiza a estrutura de um "eu" estático, propondo a experimentação do devir como proposta estética e de vida.

Essa situação processual que trabalho em trânsito como vetor-força e princípio operativo, reforça a multiplicidade e intensifica a complexidade, diluindo uma idéia homogeneizante e globalizante.

A metodologia que descreve Maria Celeste de Almeida Wanner<sup>5</sup> indica, em uma primeira instância, a fé na pesquisa teórica prática como tentativa sensível de sistematizar o processo para dar passo ao conceito de alteridade em um universo plural e interdisciplinar:

[...] acreditando que a objetividade na construção das idéias através das técnicas é muito mais importante do que o subjetivo ato de criar, e que o desenvolvimento da linguagem técnica é tanto verbal, como imagética; a pesquisa nas artes, nos dias atuais, se dá dentro de uma visão pós-formalista, miniculturalista, pluralista, Inter e transdisciplinar, principais características da arte contemporânea. Isto é um entendimento de que a arte se desenvolve e atua dentro de uma matriz cultural, onde o regional faz parte de uma universalidade e contemporaneidade. (WANNER, 2001, p 8/9)

Esta metodologia foi crucial nas últimas décadas, como tendência relevante na valoração de uma política onde a arte e a linguagem se entrelaçam através de uma multiplicidade inusitada de atuantes não somente das correntes principais. Luis Camnitzer, na sua condição de artista pesquisador, valoriza artistas periféricos ou em situações de transculturalidade, que traz a tona uma situação diversificada, construída através de experiências plurais, onde coabitam perspectivas diferentes, e outorga importância ao suporte teórico na pesquisa que redimensiona a execução factual em direção a espaços conceituais.

A pesquisa incluiu a realização de uma exposição apresentada na Galeria Cañizares, uma experiência gerada por sete obras e sete instâncias em diferentes pontos da galeria, os quais inter-relacionam imagens, formas e textos e vídeo-instalação na tentativa de gerar uma viagem experimental.

## **EM TRÂNSITO SETE OBRAS EM CIRCUITO**

Devido à extensão do trabalho de pesquisa teórico-prático realizado e o restrito espaço neste artigo, resumo as obras em circuito na exposição da Galeria Cañizares e ênfase na obra **Identities em Jogo**.

### **Sem Titulo**

Obra que se confunde com a sinalização da galeria e questiona o anonimato do indivíduo no atual.

### **Código-impressão-labirinto**

É uma obra formada por linhas que se fundem e misturam, linhas de código de barras e de impressão digital, usando uma zebra como elemento inusitado e que faz parte do jogo. Procuo a maior dimensão possível e utilizo o espaço físico da galeria, não delimitado por uma margem linear, para que a obra flutue e se integre ao chão.



Título: *Codigo-Huella-Laberinto*  
Dimensões: 12 m<sup>2</sup>  
Técnica: Instalação realizada com vinil adesivo plotado aplicado sobre parede e o chão.  
Ano 2007

## **Lâminas de metal**

É um políptico instalado de 1.80 cm de largura que reforça o conceito de trivializar o mundo através de processos de publicidade e consumismo. Recria a cultura em circulação à maneira de simulacro em um mundo “globalizado”.

## **Divertimentos transitórios**

Ocorrem em uma zona intermediária, em uma área conceitual limítrofe, em um ambiente hispano-cultural, onde conjugo meu cotidiano hispano-americano com a grande influência dos Estados Unidos e as “fusio” com minha experiência acadêmica no Brasil. Foi uma obra realizada em consonância com múltiplas pessoas dessacralizando o conceito de “autoria”. Pelo caráter plural da proposta, neste caso recrio a experiência da realização da obra.

## **Ponto de equilíbrio em trânsito**

É uma obra de mínimo formato cuja proposta é que ao tentar definir o enigma, algumas vezes se chega a situações de ficção. Vai acompanhado de um *sticker*<sup>6</sup>.

## **Vídeos**

São sete vídeos apresentados em um formato circular, com um cenário escuro. No ambiente encontra-se um *pufe* para convidar o espectador que os contemplem. Trabalham temas relacionados com o labirinto, um hipertexto coletivo e identidade-alteridade, em uma cidade como Salvador, Bahia, no Brasil.

## **Identities em jogo**

É uma obra que surge através da experiência de uma viagem súbita para conhecer as Cataratas de Foz do Iguaçu. Este espetáculo indescritível me levou a transitar pelos limites fronteiriços entre Argentina, Brasil e Paraguai, o qual me impactou. Ficam pouco nítidas as demarcações e limites entre os países; andei por vias alternadas, onde falavam um *'Patua Portunhol Guarani'*, com o qual não se definem claramente os lugares nem as identidades. Na fronteira havia uma loja chamada *"Continent United States"*, nome realmente impatante, onde se vendem tênis, perfumes, bonecos esquisitos, de tudo, até aparelhos eletrônicos, entre produtos de marca e coisas *'pirateadas'*, quer dizer, entre o verdadeiro e

o falso, semelhantes aos *Sanandresitos* em Bogotá, Colômbia e *Tepito* na Cidade de México, México. Mas não era só isso, não, era a sensação de um passado mítico, dentro de uma contemporaneidade forçada em três línguas, quase todos tomando chá mate.

Lá, se questionam os significados de forma polivalente. Não é de nenhuma forma um discurso de gênero, é uma situação descentrada e livre de hierarquias, como se fosse uma multiplicidade sem disputa, em uma convivência que sugere alteridade com plena aceitação dos tratados de comércio livre com os “*gringos*” deste continente.

A formação de identidades sectárias é impossível, lá se “fusionou” tudo; as raízes do povo Guaraní se fundiram com a colonização européia em sua polaridade política, ao que se somou a influência dos Estados Unidos. Brasil, com Paraguai contíguo e Argentina que entremeia nos limites, permite que línguas e acentos sejam únicos. Essa interação de espaços existe como um palco onde não se questiona a primazia dos territórios e se reforça o conceito de interação.

Octavio Zaja<sup>7</sup> diz que a identidade e a diáspora são coisas do passado, onde a produção cultural desses povos e etnias se converte em artefatos de museu e espetáculos, quando a cultura e a arte deveriam, com maior frequência, fazer uma audiência múltipla, não localizada, que busca espaços de trânsito.

Mari Carmen Ramírez<sup>8</sup> expõe que a única maneira que a arte da América Latina tenha legitimidade é que as instituições artísticas e os circuitos internacionais apoiem propostas baseadas na pesquisa.

Enfatizo a busca de uma identidade plural em construção que é chave para a Arte da América Latina, sem estereótipos formais nem conceituais, como uma arte marginal ou de periferia, com respeito a algum centro. Na América Latina não existe um Brasil com uma identidade uniforme, nem uma Cuba estritamente definida ou uma Colômbia compacta e descritível, com parâmetros unificadores.



Título: Identidades em Jogo  
Dimensões: 80 cm<sup>3</sup>.  
Fonte: Arquivo pessoal  
Técnica: Vinil plotado e adesivo sobre bola. Ano 2006

## A obra *Identidades em jogo*

É o resultado desse processo de exploração de um território dinâmico com situações de transculturalização, de processos transnacionais multiculturais, onde as pessoas não são obrigadas a negociar com um lado ou com o outro. É normal que as pessoas circulem em um contexto onde a vida cotidiana tem uma idéia de trânsito e de pertencer a qualquer lugar.

Parafraseando Maria Celeste de Almeida Wanner, *Identidades em jogo* “é um aparente convite a uma contemplação lúdica. E convida a participar desse jogo! À primeira vista nada intelectualmente profundo, que trouxe a meu imaginário o Pêndulo de Foucault, romance de Humberto Eco, que também oscila entre jogo e realidade...”

Em seu texto “Esferas, Cidades, Transições, Perspectivas Internacionais da Arte e a Cultura”, Gerardo Mosquera<sup>9</sup> fala que a esfera criada por Fritz Koenig de 4.5 metros e aproximadamente de 21 quilos de aço e bronze, erguida na frente de um arranha-céus em Madri, na Praça do *World Trade Center*, é um monumento para simbolizar a paz mundial, através do comércio global. Foi semidestruída no ataque terrorista de 2004 e posteriormente reinstalada em ruínas. Da mesma maneira em que são observadas estátuas em Portugal, Espanha e América Latina onde Cristóvão Colombo sustenta em suas mãos o globo terráqueo, acrescentando o conceito de que a “redondeza” torna possível a navegação e o domínio global, igual à redução do mundo em si.

Segundo Mosquera, a esfera é a forma perfeita por excelência que expressa a globalização mundial e transcende os conceitos medievais do mundo plano, infestado de incertezas.

Charles Chaplin no filme *O Grande Ditador* ironiza atitudes de como a política mundial, representada por Hitler, pode manipular e jogar com o planeta como se fosse um brinquedo.

*Identidades em jogo* aproxima-se da proposta do polêmico artista brasileiro Nelson Leiner, pelo caráter irônico e semelhança formal com minha esfera.

## Identidade em construção

A transculturalidade, como uma vivência assumida pela crescente globalização, mostra como as culturas se misturam e se fundem pela existência dinâmica dos fenômenos de comunicação e a tendência às viagens, estudos, exposições e trabalhos no exterior, como também na possibilidade ativa e simultânea de relações econômicas, sociais e culturais. Um exemplo paradoxal é como, não obstante as últimas políticas antiimigrantistas do Governo dos Estados Unidos da América, a população



de hispano-falantes supera 35 milhões de pessoas, mais do que a população inteira da Colômbia.

Na obra **identidades em jogo**, as coordenadas que definem centro e periferia perdem seu sentido na superposição de uma trama labiríntica, em que coexistem um trecho literário de Clarice Lispector, um jogo lingüístico de Lewis Carroll, um *sticker* de Bart Simpson, o logotipo da Escuderia Ferrari, um adesivo do Corinthians, uma imagem de lemanjá cubana (proveniente da cultura afro), junto com a figura de Jesus Cristo e mostram uma proposta de fusão, própria de um capitalismo multicultural. O suporte da obra é um brinquedo plástico que comprei já pronto, desses que vendem em qualquer lugar. Na atualidade, os limites entre Arte e objetos cotidianos vão se entrecruzando. Sobre essa bola “atomizei” textos “*plotados*” e *stickers* entrecruzados, como uma nova tentativa de formar coordenadas terrestres em um novo mapa do mundo feito ao acaso, em uma crítica lúdica e não panfletária ao conceito de globalização.

Zaja menciona o conceito de “Mac-Donalização” falando da aparente globalização que ressalta a publicidade. A “Mac-Donalização”, a “Coca-colonização” da economia é a aparente generalização do intercâmbio que trouxe uma “tolerância” frente à diversidade, já que a multiculturalidade não faz maquiagem com a realidade. Esta “festa” que, com respeito à miscigenação, se faz tem fins comerciais, transformando em publicidade o exótico e híbridos na moda que revigoram a sociedade de consumo.

Ao estarem juntos todos esses elementos, aparecem uma meta-narrativa que contempla um contínuo fluir de relações, correlações e conexões de diversos tipos. A obra **Identidades em Jogo** ocorre em uma zona cultural intermediária com um conceito de fronteira flutuante, própria da herança cultural Latino-americana.

A obra transita entre textos e marcas em espanhol, português e inglês, de forma hipertextual, empregando superposições e movimentos de “zigzague”. A obra se move em vários territórios, arte e ação, arte e tecnologia, instalação, fotografia e vídeo experimental.

A bola provoca uma reação e interação com o fruidor que se desenvolveu em uma proposta de instalação, experiência registrada em fotografias por Cláudio Omar Gonçalves.

Segundo o crítico e curador Octavio Zaja, os latino-americanos não têm “uma cultura tradicional única, nem uma religião comum” (ZAJA, 2000), e por isso não estabelecemos um entendimento unidimensional da realidade, nem dos processos históricos e criativos.

Segundo Wanner, a arte se desenvolve e atua dentro de uma matriz cultural, onde o regional integra uma universalidade e contemporaneidade.

Jorge Luis Borges afirma que “*ser latinoamericano no es pampas ni de llanos, es el universo lo que nos identifica*” (BORGES, 1990. p. 36); ele aponta a um sentido de identidade não comum, mas abrangente, capaz de estender sobre o planeta, na possibilidade de construir indivíduos que ascendem espaços e múltiplas identificações.

Foi relevante durante a pesquisa, Rizoma meu primeiro encontro com Deleuze-Guattari e tive uma sensação contagiante de ver a experiência artística como uma possibilidade de experimentar com conceitos e práticas artísticas em uma dinâmica que muda e é expansiva, sempre trazendo possibilidades de conexão, vínculos e alianças, desenraizando a estrutura de um 'eu' com uma identidade fixa e projetando a possibilidade de reconhecermos como seres na viagem.

Reitero que a experiência artística está ligada à arte de experimentar com conceitos estéticos, com o jogo, com a linha e o desenho, de experimentar com a imagem em movimento, com a literatura e a publicidade. Então, compreendi que a arte tem relação essencial com o que não é arte e disso se nutre para criar conceitos na medida em que penetra em diferentes territórios do conhecimento. Por isso é que o artista está em devir na medida em que se converte em alguém capaz de deambular, ser nômade por diferentes terrenos do saber e do não saber.

O que busco é a produção de múltiplas realidades, de múltiplos espaços e temporalidades que permitam o acesso a uma arte conceitual que cumpra com as tarefas iniludíveis na contemporaneidade, que são fazer sentir e fazer pensar, em universos nômades em contínua variação.

Minha proposta tem forte influência do conceitualismo e alguns elementos do *Process Art*, na medida em que enfatizo o aspecto mental da experiência artística e valorizo o processo. Não dou uma valorização em excesso às teorias, quer dizer, reconheço a atividade reflexiva como um fator fundamental na criação, mas não acho que seja a mais importante, como alguns conceitualistas extremos que acreditam que a prática em certos casos não precisa nem sequer de materialidade.

Reconheço também que a arte é uma linguagem não verbal, mesmo que a proposta seja de caráter conceitualista e utilize a palavra que é auto-referencial e que sempre faz um comentário sobre a mesma arte.

Interessa-me a prática artística como um princípio experimental que aponta para a reflexão da própria natureza da arte. Identifico a influência das tendências neo-conceitualistas latino-americanas em situações de trânsito em termos conceituais e factuais. Pretendo seguir trabalhando com uma poética visual que dialogue livremente com diferentes linguagens, tendências artísticas e novos tipos de meios de comunicação tecnológicos, pois reconheço que nessa multiplicidade coexistem simultaneamente

princípios que tendem a fundir limites, ultrapassar fronteiras, tanto da teoria e a prática como entre a arte e a vida.

A arte deve estar em um processo de trânsito permanente. As questões estéticas contemporâneas não se fecham pelos limites geopolíticos que separam povos e nações e estas questões podem ser abordadas por artistas desde sua visão particular e sua identidade social, desde qualquer lugar do mundo. Por isso as dinâmicas curatoriais ampliaram sua visão e aboliram nas mostras internacionais a classificação por país, misturando todos os artistas. Evitaram também mencionar a origem do expositor, mobilizando instâncias de deslocar fronteiras. A tendência é crucial e também expansiva feita através da multiplicidade de sujeitos de diversos lugares. Gerardo Mosquera reforça a idéia de que na contemporaneidade se fala 'desde' e não 'em', pois a discussão sobre globalidade e linguagem internacional surge da fusão de uma identidade mais dinâmica e relacional heterogênea que deixa atrás homogeneizações sectárias.

Na atualidade, a diversidade da produção tem relação com as práticas contextuais, culturais e experiências desde uma variedade e pluralidade de sujeitos.

A pergunta pela identidade latino-americana é um tema que não deixa artistas e críticos dormirem, pela complexidade de saber quem somos, porque temos que estar nos perguntado quem somos através de uma heterogênesse conflitante e multiplicidade de atuantes nas misturas que condicionam nossa percepção sobre nós mesmos.

Concordo com Mosquera que mostra a situação do artista contemporâneo em trânsito se movendo em espaços locais, regionais e globais. A proliferação da atividade de artistas locais que não pertencem a culturas dominantes, normalmente não está ligada a linguagens tradicionais, modernismos nacionalistas, mesmo que sua obra seja baseada em trabalhos vernáculos e culturas específicas, desafiando artistas de todo o mundo, comprovando que tão descentralizadas estão devido às dinâmicas artísticas.

Qualquer questionamento sobre nossa identidade na contemporaneidade remete implicitamente no conceito de alteridade.

## NOTAS

\*Artista plástica da "Universidad de los Andes". Bogotá, Colômbia, com Mestrado em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, Brasil em 2007.

<sup>1</sup> Mediante Alice no País das Maravilhas e Alice no País do Espelho, gênero de viagens alucinantes e semióticas, Lewis Carroll apresenta contos longos em que predomina a intenção lúdica das aventuras de um submundo labiríntico, em semelhança literária a Dante e James Joyce.

<sup>2</sup> Filósofos franceses que em seu texto Rizoma propõem a teia de conjunções sempre com "e, e, e..." onde designam a possibilidade de não ter uma correlação localizável, mas movimentos transversais no devir como proposta estética, no livro *Capitalismo e Esquizofrenia*.

<sup>3</sup> Artista espanhola que trabalha em vídeo instalação, explorando temáticas de viagens, trânsito, multiplicidade e complexidade.

<sup>4</sup> Artista francês que trabalha na área de investigação teórico-prática das artes e das ciências.

<sup>5</sup> Professora titular da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, Pós-doutoranda no Programa de Semiótica da Universidade Pontifícia Católica de São Paulo, com a professora Doutora Lúcia Santaella. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPQ. Doutora em Artes Visuais pela California College of Arts—São Francisco, Califórnia- EUA, Mestre em Artes Plásticas – Adams State Collage – Colorado- EUA.

<sup>6</sup> Adesivos produzidos periodicamente pela artista colombiana Maria Ruiz. Atividade que ela realiza há 10 anos em um jogo de multiplicidade, onde adquirem formas de labirinto e composições abstratas.

<sup>7</sup> Crítico de arte e curador adjunto do Museu de Arte Guggenheim, em New York.

<sup>8</sup> Crítica e historiadora latino-americana. É curadora de Arte em Jack S. Museum na Universidade de Texas em Austin.

<sup>9</sup> É crítico e curador adjunto do New Museum, Nova York.

## REFERÊNCIAS

114

ANO 5 - NÚMERO 5 - 2008

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*, volúmenes 1-4 Buenos Aires: Emecé, 1990.

CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas, Através do Espelho*. Madrid, Espana: Cátedra 1999.

DELEUZE, Guilles, GUTTARI, Felix. *Mil Mesetas*. Valencia: Pré- Textos, 1994.

MOSQUERA, Gerardo. *Islas infinitas sobre Arte, Globalización y Cultura*. ART NEXUS, 2001.n 29.

PABÓN, Consuelo. *Encuentros Magazín Dominical*. Periódico El Tiempo. Bogotá: febrero de 1996.

WANNER, Maria Celeste de Almeida. *Artes Visuais*. In: *Pesquisa Hoje (Anais do II encontro da Associação Nacional de Pesquisa em Artes Visuais)*. Salvador: EDUFBA, 2001.

ZAJA, Octavio. *En torno a los espacios de identidad y de diáspora*. Material impresso, entregueado pela professora Doutora Maria Celeste de Almeida Wanner.